

## O PAPEL DO PROGRAMA ERASMUS NO PROCESSO DE INTEGRAÇÃO EUROPEIA

**Aluna: Ana Clara Abreu**  
**Orientadora: Leticia Pinheiro**

### Introdução

O interesse crescente pelo desenvolvimento da ação cultural na União Europeia (UE) acompanhou o surgimento e a ascensão das teorias construtivistas e pós-estruturalistas no âmbito das Relações Internacionais. Tais teorias colocam a interação social no cerne da construção de conceitos e identidades. Nessa veia, da ação intersubjetiva dos indivíduos nasce a idéia de um Eu, constituído a partir de características em comum, em oposição a um Outro, localizado na periferia e portador da diferença. As fronteiras nacionais são a expressão física dessa distinção entre Eu (a comunidade homogênea e harmoniosa localizada no interior da demarcação territorial do Estado) e Outro (aquele que se encontra fora dessa unidade). O pós-estruturalismo concebe a relação Eu/Outro não como uma imposição por uma estrutura exógena, e sim como algo flúido, impreciso, admitindo uma dose de sobreposição. É possível conceber um “espaço intermediário” de intersubjetividade no qual o engajamento com a diferença e o compartilhamento de valores formam o tecido de uma nova identidade.

O programa ERASMUS segue um pensamento similar: a crença de que a interação social pode ser uma peça-chave na construção de um novo tipo de identificação política – a identidade *européia*, que conviveria lado a lado com a *nacional*. ERASMUS é uma forma de contato entre Eu e Outro, um instrumento de engajamento *positivo* com a diferença, na expectativa do encontro de um “espaço intermediário” em que Eu e Outro se identifiquem a partir da realização de que compartilham, essencialmente, os mesmos valores – liberdade, democracia, e paz. ERASMUS não faz parte de um projeto comunitário que visa ultrapassar o Estado; a intervenção no conteúdo e na organização dos programas nacionais de ensino é proibida. A idéia do programa é, simplesmente, incentivar a cooperação e a coordenação entre países membros, auxiliando quando possível e necessário. O objetivo maior é utilizar a educação para criar oportunidades de mobilidade e interação, especialmente para jovens, na expectativa de avançar a constituição de uma identidade comum. A expectativa é a de que esta possa ser uma peça-chave para o sucesso político e social da UE.

### Objetivos

Estudar as origens e os impactos do programa e os desafios ao seu sucesso. Entender o que impede, de uma forma mais geral, a constituição de uma identidade europeia.

### Metodologia

Essa pesquisa foi realizada por meio da compilação de dados, estatísticas e teorias, encontradas em artigos acadêmicos e da imprensa internacional, estudos encomendados pela Comissão da UE, e o banco de dados do próprio programa ERASMUS.

### Conclusões

O estudo permitiu uma maior compreensão dos efeitos isolados do programa sobre as áreas individual, institucional e supranacional. Serão delineados apenas alguns e de forma geral (para informações mais detalhadas, veja o relatório final). Em relação ao primeiro, é possível traçar uma tendência de ex-participantes a se envolverem mais com empregos em que são obrigados a lidar com a dimensão internacional, não necessariamente empregos de maior status ou melhores salários. Em termos do segundo, o programa parece impulsionar o

fenômeno da internacionalização. ERASMUS é tanto uma ferramenta utilizada por instituições de ensino superior explicitamente para desenvolver a dimensão internacional, quanto um catalisador que induz essa expansão, mesmo quando a instituição não declara uma intenção específica. As instituições que participam e recebem apoio do programa são mais abertas à Europa e ao mundo. Universidades que participam desde sua inauguração, em particular, apresentam uma tendência a possuírem atividades internacionais institucionalizadas, como um escritório ou uma filial internacional e um centro de línguas. A interconectividade gerada pela mobilidade estudantil parece produzir uma espécie de mecanismo “spill-over” ao incentivar a cooperação internacional em pesquisas e serviços, e acordos entre instituições de ensino. Vale mencionar, no entanto, que o programa não contribuiu consideravelmente à incorporação dos idiomas europeus “menos utilizados” na reforma curricular das universidades participantes (um dos objetivos culturais do bloco), e que os melhores resultados se concentram nos Estados da Europa Central e do Leste. Ainda assim, em todos Estados, ERASMUS parece ter despertado um olhar para *dentro* do continente, mesmo em países que priorizavam parcerias fora da Europa (Suécia e Estados Unidos, Portugal e América Latina), criando um verdadeiro foco regional. Para a esfera supranacional o programa contribuiu com o mecanismo de “spill-over”, criando projetos comunitários paralelos para ajudar na sua implementação (sistema ECTS para transferência de créditos, EQF para tradução de níveis de qualificação profissional), e com uma “geração ERASMUS” poliglota e multicultural, que diz compartilhar uma sensação de ser “europeu”. É provável que uma mudança cultural profunda acompanhe a subida ao poder dessa “eurogeração”.

Mesmo o sucesso sem precedentes do programa talvez não seja capaz de superar seus obstáculos, que começam pelo chamado “síndrome pós-ERASMUS”. Este se caracteriza por um estado depressivo comum aos participantes quando retornam à suas vidas como eram antes, e impossibilita o compartilhamento da experiência no exterior. Além disso, o processo de integração continua a mercê da economia, se prejudicando cada vez que esta se deteriora. Talvez o maior obstáculo à constituição de uma identidade europeia, no entanto, seja o fato de que esta se baseia não sobre critérios geográficos, mas sobre o compartilhamento de valores (democracia, liberdade, qualidade de vida, etc.). Estes, por sua vez, são comuns ao pensamento ocidental como um todo, sendo atualmente compartilhados por grande parte dos Estados do mundo. Se seguimos a lógica de que um Eu se constitui em oposição a um Outro, então os valores compartilhados na UE não são suficientes para formar o tecido da sua identidade, já que o Outro nesse caso tende a adotar os mesmos princípios. Nesse caso, a capacidade de ação do ERASMUS se restringe, não importa seu sucesso.

### Referências (parciais) :

1 – \_\_\_\_\_. *The Impact of Erasmus on European Higher Education: Quality, Openness and Internationalisation*. Disponível em: <[ec.europa.eu/education/erasmus/doc/publ/impact08.pdf](http://ec.europa.eu/education/erasmus/doc/publ/impact08.pdf)>. Acesso em: 7 jan 2008.

2 – BENNHOLD, Karin. *Quietly Sprouting: A European Identity*. International Herald Tribune, 27 abr 2005. Disponível em: <<http://yaleglobal.yale.edu/display.article?id=5646>> Acesso em: 3 mar 2008.

2 – MAIWORM, F. Erasmus: continuity and change in the 1990's. *European Journal of Education*, v. 36, n. 4, 2001.

4 – TEICHLER, U. Changes of ERASMUS under Umbrella of SOCRATES. . *European Journal of Education*, v. 5, n. 3, p.201-227, 2001.